

QUALIS: Quo Vadis?

O Brasil possui o sistema de pesquisa e pós-graduação mais amplo e consolidado da América Latina e Caribe e muito do sucesso deste sistema pode ser creditado à implantação da avaliação dos cursos de pós-graduação pela CAPES e dos Comitês Assessores no CNPq, ambos na década de 1970. Desde então, o processo de avaliação nestas agências passou por várias reformulações, sempre sobre a ótica do aperfeiçoamento.

Em 1998 a CAPES introduziu o Aplicativo Qualis: “Uma lista de veículos utilizados para a divulgação da produção intelectual dos programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), classificados quanto ao âmbito de circulação (Local, Nacional, Internacional) e à qualidade (A, B, C), por área de avaliação. A Capes utiliza o Qualis para fundamentar o processo de avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação”.¹ Durante a avaliação trienal 2005-2007 o Qualis foi alterado e vários Periódicos tiveram a sua posição modificada. Recentemente, em pleno período de coleta de informações visando o triênio 2008-2010, a coordenação da área de Química divulgou novas mudanças no sistema QUALIS² com a introdução de duas categorias no nível A, cinco no nível B e atribuindo ao estrato C o valor zero. Os objetivos das mudanças são relevantes: aperfeiçoar o sistema de avaliação e permitir a comparabilidade entre as diferentes áreas.

Em novembro de 2008, o Fórum de Coordenadores de Pós-graduação em Química reuniu-se em Ribeirão Preto, SP, com uma agenda que incluía a discussão da avaliação dos cursos. Após dois dias de trabalho, divulgou uma moção que se opõe à nova classificação anunciada pela CAPES: “O Fórum de Pós-Graduação, após uma longa e aprofundada discussão, considerou inadequada a nova proposta para o Qualis e refuta os valores percentuais de 20 e 50% para os estratos A1 + A2 e A1 + A2 + B1, respectivamente. A aplicação desses percentuais faz com que vários periódicos importantes sejam excluídos dos estratos superiores, afetando diferentes subáreas tradicionais e de importância histórica e estratégica para a pesquisa em Química no Brasil, pois em alguns casos não existem periódicos que atingem tais fatores de impacto. Além disso, impedem que publicações como o *Journal of the Brazilian Chemical Society*, a *Química Nova* e os *Anais da Academia Brasileira de Ciências* reflitam seu importante papel como suporte para a divulgação dos trabalhos científicos na área de Química no país e no exterior. É de extrema importância levar em consideração o papel estratégico que esses periódicos representam para a inserção da pesquisa no cenário nacional e internacional”. Em resumo, os avaliados, que contribuem diuturnamente para o aperfeiçoamento do sistema e realmente fazem a pesquisa e a pós-graduação refutam o Qualis divulgado!

Um aplicativo como o QUALIS, para ser de uso abrangente necessita ter por princípio o uso de múltiplos critérios para a classificação dos periódicos e não o uso de um critério único como o FI (fator de impacto).³ A comunidade acadêmica sabe muito bem que indicadores tipo FI ou fator *h*⁴ refletem a visibilidade e a inserção internacional de um periódico/artigo/pesquisador, além da sua qualidade ou impacto. Por isso mesmo, um analista brasileiro usou recentemente a expressão “favor de impacto”.⁶ Considerando-se uma área específica como a Química, a comparabilidade entre os periódicos utilizando o FI incorre em sérios desvios. Por exemplo, o periódico *Inorganic Chemistry* dificilmente apresentará um FI maior do que *Analytical Chemistry*, o que não significa que não haja artigos de excelente qualidade, nas duas disciplinas. Simplesmente, a visibilidade das inovações metodológicas analíticas em outras disciplinas é maior do que a da química inorgânica. O mesmo pode ser observado ao se comparar *Atmospheric Environment* e *Environment Science and Technology*, ou ainda comparar periódicos que publicam revisões com

os que publicam resultados originais de pesquisa científica. São inúmeros, dentro e fora da Química os exemplos em que a visibilidade é o maior fator de distinção entre periódicos, e não a qualidade ou o impacto.

Como comparar o papel exercido nas comunidades local e internacional pelo *Journal of the American Chemical Society*, criado há 130 anos com o do *Journal of the Brazilian Chemical Society* criado há 20 anos? Certamente que não será através dos respectivos FI! Por outro lado, qual das duas revistas deve ser o objetivo de ações estratégicas que a valorize e dessa forma valorize a ciência brasileira? Qual delas tem maior possibilidade de veicular informação científica séria e importante para as estratégias de desenvolvimento brasileiro, mas pouco relevante para estratégias e desenvolvimento econômicos dos países centrais?

A divulgação de resultados de pesquisa científica é cada vez mais uma atividade empresarial de grandes conglomerados editoriais que recebem a informação sem custo, utilizam a avaliação por pares, também sem custo, e comercializam a informação a preços cada vez mais elevados. Supervalorizar o FI e/ou o fator *h* é também uma forma de supervalorizar estes conglomerados. São raros os exemplos como o da Sociedade Brasileira de Química que disponibiliza os seus periódicos na internet sem qualquer custo; e o da CAPES que mantém o portal de periódicos com livre acesso ao sistema de pós-graduação, contribuindo de forma significativa para a inclusão científica e tecnológica.

Atualmente, a disseminação da divulgação em meio eletrônico e o crescente aperfeiçoamento dos sistemas de busca estão permitindo o acesso a qualquer tipo de publicação em meio eletrônico e em qualquer língua ou formato. A atual revolução na mídia de difusão do conhecimento científico fatalmente inviabilizará ou exigirá a reconstrução de indicadores como FI e *h*. É o momento de olhar a frente e de desenvolver novos indicadores.

Avaliar não é, nem nunca foi uma atividade simples. Especialmente, porque a avaliação pertence ao avaliado e não ao avaliador. Contabilizar indicadores é um processo simples, mas qualificá-los é um processo complexo e que exige equilíbrio, parâmetros e regras bem (e previamente) definidas. Na noite, um enxame de vagalumes brilha mais do que um solitário farol. Entretanto, o farol nos ensina o caminho! O aplicativo Qualis é uma boa ferramenta para auxiliar o sistema de avaliação. Entretanto, nos dez anos de uso ele tem sido mudado para não mudar... Ou seja, o “sarrafo” muda de posição, mas a lógica da avaliação continua a mesma, exacerbando a importância de um dos aspectos da pós-graduação e subjugando a relevância sob indicadores erigidos em critérios finais e únicos. Os(as) colegas que hoje estão engajados no processo de avaliação deveriam considerar atentamente a mensagem dos avaliados e refletir sobre o significado de cada instrumento utilizado. Neste momento, a pergunta que não cala é: *Qualis, Quo Vadis?*

Jailson B. de Andrade - UFBA
Fernando Galembeck - UNICAMP

REFERÊNCIAS

1. <http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>, acessada em Janeiro 2009.
2. Dupont, J.; Dias, L. C.; *Quim. Nova* **2008**, *31*, 1283.
3. Pinto, A. C.; de Andrade, J. B.; *Quim. Nova* **1999**, *22*, 448.
4. Hirsch, J. E.; *Proc. Natl. Acad. Sciences* **2005**, *102*, 16569.
5. de Andrade, J. B.; *J. Braz. Chem. Soc.* **2009**, *20*, 3.
6. Leite, M.; *JC e-mail* 3644, **18/11/2008**.